

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Helena Simão

ENTREVISTA

MARIA LUÍSA DE OLIVEIRA DUARTE JESUS

JOÃO nasceu na Salema, freguesia de Budens, concelho de Vila do Bispo, em 1952. Frequentou o ensino secundário até ao 11.º ano.

Foi funcionária administrativa da Junta de Freguesia da Luz durante cerca de 40 anos.

Foi eleita membro da Assembleia de Freguesia da Luz no mandato de 1980-1983.

Em 25 de Abril de 1974, Maria Luísa de Oliveira Duarte Jesus João, vivia em Monchique, onde recebeu a notícia.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000019

Título: Entrevista a Maria Luísa de Oliveira Duarte Jesus João

Data: 29/09/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia da Luz

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 01:10:00

Entrevistador: Museu de Lagos / PJP J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Helena Simão

Transcrição: Mário Lino

Revisão e edição: Museu de Lagos / PJP J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 19/04/2024.



M L MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhora Maria Luísa, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: qual é a sua profissão?*

MLODJJ: A minha profissão, neste momento sou reformada, mas, se falarmos de tudo o que fiz ao longo da vida, tenho muito trabalho feito ao longo da vida. Quando saí da escola primária, que funcionava neste edifício onde estamos agora – não propriamente nesta sala, porque esta sala não existia; neste espaço era o quintal. O edifício, embora mantenha a traça original, sofreu algumas evoluções arquitetónicas, durante os anos 90, mas mantendo a mesma estrutura. Esta sala foi construída, reconstituindo a antiga sala de aula, embora menos espaçosa e sem as três janelas a Este. Quando saí da escola primária, fui para costura, como todas as meninas bem-comportadas, da época destinadas a casar.

PJP: *E onde é que era a aprendizagem da costura?*

MLODJJ: Uma senhora aqui na Luz, que ainda hoje é viva, comemorou há pouco 88 anos de vida, em Abril.

PJP: Lembra-se do nome?

MLODJJ: Maria Serafina. É a segunda pessoa mais idosa da Luz.

PJP: *Da freguesia?*

MLODJJ: Não digo que seja da Freguesia, mas da Luz. Neste momento, não sei, quem é o mais idoso da Freguesia, mas se perguntarmos na secretaria temos a resposta correta a essa pergunta. Neste momento, na Luz, ela é a segunda mais idosa, sendo o Sr. João Simão o mais velho. Era exatamente na rua onde eu vivia, a atual Rua Direita, que na altura não tinha nome. Apesar de ter sido uma boa aluna no ensino primário, naquela altura, era difícil continuar os estudos, especialmente levando em conta que não havia transporte entre as aldeias e Lagos, onde se situava a Escola Industrial e Comercial. E os pais – que não era o meu caso, pois fui criada por uns tios a partir dos sete anos de idade – nem todos tinham disponibilidade e nem estavam dispostos a deixar pelo menos uma menina ir para Lagos a pé, ou apanhar o transporte mais próximo, que era a camioneta que passava a Espiche, vinda de Sagres. E, assim, eu fui para a costura como todas as meninas da minha idade.

Nesse ano, em que saí da Primária, só houve quatro meninos que foram para a Escola Industrial e Comercial de Lagos. A família, melhor dizendo, os pais alugaram um táxi que os ia levar e trazer da escola. Senti uma grande revolta com isso, porque eu, dizendo a verdade, sei que nessa época criei muitos complexos, como a rejeição e a revolta era um sentimento constante. Houve sempre uma fase em que pensava: “Eu não fui, porque não sou filha”. Mas, graças a Deus, isso foi ultrapassado, embora recentemente. Assim, aprendi a costura, andei seis ou sete anos na casa daquela senhora, aprendi a fazer de tudo, desde vestuário feminino, masculino, a decoração. E trabalhei na costura durante alguns anos. Um dia, talvez porque também já estava cansada de viver com quem vivia e no ambiente em que vivia, não se pode dizer que tivesse sido um mar de rosas e nada era o que diziam ou faziam crer as pessoas de fora ou mesmo da família, decidi, por opção, sair de casa e fui trabalhar para uma casa a tomar conta de um menino.

***PJP:** Tinha quinze, dezasseis anos, por essa altura?*

MLODJJ: Devia ter dezoito. Nessa altura, já namorava com o que veio a ser meu marido, havia três anos e tudo coincidiu com o facto de que o namorado foi para Angola. Vamos lá dizer que, nestes tempos antigos, um namoro de seis anos, nós vimo-nos seis vezes ou sete vezes. Escrevemos cartas, muitas cartas! Também, nessa altura, o meu irmão mais velho, que foi o meu suporte, após a morte do meu pai, foi para Angola... Houve assim uma grande fase de revolta, aquela fase que a gente tem que dizer... Isto não é para mim. Saí daquela casa quando o meu namorado voltou de Angola e decidiu casar. Casei com 20 anos, acabadinhos de fazer, praticamente. Depois, fui viver para Monchique e, como qualquer dona de casa da altura, só me dedicava às tarefas domésticas, o que era uma grandíssima pasmaceira! E é algo que hoje não aconselho a mulher nenhuma! Entretanto, como o meu marido trabalhava em Alvor, mais propriamente na Prainha e vivíamos em Monchique – ele saía de casa todos os dias de manhã e voltava à noite – os meus sogros eram lavradores, tinham uma propriedade média, não vou dizer que era um latifúndio, mas também não era ali uma courelazinha. Levavam os dias a trabalhar no campo, de sol a sol. A minha sogra tinha uma vida muito escravizada, possivelmente, não era a única, todas as mulheres da geração dela, e com aquela vida do campo.

***PJP:** E tinha consciência disso, sentia isso?*

MLODJJ: Sentia. E penso que indo da Luz para Monchique, eu vi que regredi no tempo, em tudo. Mas, se por um lado, senti que regredi, por outro lado evolui bastante como ser humano naquela minha passagem pelos socos da serra de Monchique. Era abordada muitas vezes por meninas de Monchique, a quem fazia uma grande confusão como é que eu tinha ido cair naquela pasmaceira, estando elas ansiosas de sair dela. Mas eu penso

que até estava a gostar da pasmaceira, talvez porque ainda havia em mim o espírito de liberdade – aquela ilusão, agora vou mandar no meu nariz. Mentira! Mentira! Então, comecei a ajudar a minha sogra nas tarefas do campo. Não nas de casa, que as de casa já tinha as minhas. Ia ter com eles, lá onde eles estavam, no campo, e dizia para a minha sogra que fosse fazer o almoço ... Ela achava que eu era de porcelana e que aquele trabalho não era para mim. E eu: “– Não, mãe.” – Foi a primeira vez que decidi chamar mãe a alguém – “– Vá a senhora fazer o almoço, que eu fico aqui.” E assim aprendi muitas tarefas do campo com o meu sogro. Posso dizer, com muito orgulho, que ao contrário de muita gente que pensa que as coisas nascem nas prateleiras do supermercado, plantei feijão, grãos, batatas, apanhei batatas, semeei milho, só não agarrei na enxada porque não calhou. Acompanhei todas as tarefas desde o plantio até á colheita. Acompanhei também o processo de engorda dos porcos até à preparação das carnes após a matança.

Os enchidos de carne, os presuntos até a banha, que os meus sogros fabricavam estavam vendidas de um ano para o outro. Claro que as tarefas inerentes à matança do porco não aprendi a fazer.

Aprendi também como se pilavam as castanhas, sendo este o processo que mais me surpreendeu, pois que não fazia ideia que era tão fácil fazer aquela iguaria.

Neste espaço de tempo, o meu marido sabia que eu tinha vivido sempre com o desgosto de não ter estudado. Assim, numa conversa com uma sobrinha dele, pouco mais nova do que eu, em que ela disse que ia estudar, naquele ano, foi decidido eu ir também. Nesta altura, eu já tinha o meu filho. Por isso, o meu filho nasceu a 23/02/ 74 e eu devo ter ido estudar em Setembro do mesmo ano.

PJP: E foi estudar onde?

MLODJJ: Fui estudar em plena alvorada do 25 de Abril, com uma senhora em Monchique, de nome Ivone. Creio que já faleceu. Esta senhora que, por sinal, eu já conhecia há muitos anos, mas só vim a saber quem era e o que fazia quando cheguei lá a casa, pois ela costumava vir passar férias aqui na Luz. Esta senhora dava explicações em casa e tratava da documentação necessária para propor a exame de aprovação, pessoas que não tinham tido oportunidade de estudar antes, o que era uma mais-valia para muitos. Eu incluída. O meu marido esteve sempre recetivo, ou não tivesse sido iniciativa dele eu ir estudar. No entanto, tive sempre um grande apoio da minha sogra, porque apesar da mesma ter uma vida super complicada, conseguia conjugar as tarefas dela com o horário do neto. Sem a ajuda dela, esta experiência não tinha sido possível.

Depois, a Dona Ivone achou que era um desperdício eu andar ali só para fazer o 5.º e 6.º anos e disse-me que devia começar a frequentar as explicações do 5.º ano, que ela também dava em outro horário. Claro, isso então foi um desafio maior. Porque casa, filho, estudar... Tinha explicações de manhã, todos os dias, noutros dias tinha à noite. Bom, mas conseguiu-se. Eu fiz o exame do Ciclo Preparatório, como se chamava na altura no Liceu de Santa Catarina, em Monchique. Tivemos sempre (eu e D. Ivone) uns diálogos interessantes: eu dizia sempre:

“– Não se vai meter os papéis ao Liceu de Portimão para ir fazer o exame de 5º ano, pois posso não passar no ciclo...”

– Tu deves estar a brincar com a minha cara! Se tu não passares, com as capacidades que tens, quem passa? Eu!”

Era sempre a resposta dela. Ela achava que eu tinha condições para fazer tudo, num só ano, mas eu não pensava assim. Mas, lá fui fazer os ditos exames. Ainda não sabia o resultado final do 2.ºano e estava a prestar provas no Liceu António Aleixo. Em princípio, não faria Geografia e Inglês, pois não tinha tido explicações adequadas das mesmas. Geografia nem conheci o livro. Também não faria Matemática, pois a D. Ivone não lecionava, a mesma disciplina. Iria no ano seguinte ter explicação com o Senhor Fernando Luís, professor e residente em Monchique. No entanto, estava matriculada para fazer todas as disciplinas porque, por lei, só assim poderia efetuar exames na segunda época. Tínhamos que chumbar na primeira época ou faltar ao exame para poder repetir exames na segunda época. Qualquer coisa assim, pois na verdade não me lembro bem. Acontece que eu tinha duas disciplinas que eram feitas nos mesmos dias que outras que tinha, então eu, como estava ali e não perdia nada, fui para a sala ver os testes e resolvi os mesmos.

PJP: *E correu bem?*

MLODJJ: Lindamente. Em Desenho, segundo consta, fiz uma partida ao professor Martim Gracias. Estava nervosa e li mal o teste, foi uma questão de interpretação. Tinha como opção desenhar uma peça de cerâmica ou fazer desenho geométrico. Como também nunca tive jeito nenhum para desenho à vista, fui para desenho geométrico... E fiz um desenho realmente engraçado baseado na hipérbole. Ao pintar, meti as cores laranja e amarelo nos azuis, pedidos no teste. Mas que estava bonito, estava. O professor Martim Gracias, parou ao meu lado e perguntou: “– Mudaste de cor porquê?” Eu olhei para ele e disse-lhe: “– Ó professor, porque achei que assim ficava bem!” Depois, já em para casa, fui ler o teste e percebi a pergunta do professor. Pedia tudo da mesma cor,

esbatendo os tons. Ora, eu tinha metido laranjas e amarelo no meio de azul... Disse para mim: esta já foi. O Inglês, digamos que não foi fácil aprender, pois a D. Ivone não o falava connosco em inglês. Ditava em Português e ensinava a escrever em inglês. Mas, redigi o pedido no teste. Traduzido em Português: “– Aventura na manhã”. Claro, narrei a aventura de uma mãe que tinha deixado um filho de 16 meses em casa pelas 07h00 para ir fazer um teste de inglês. Passei a todas as disciplinas, a nota mais baixa foi de 11,50, em inglês, uma sorte para mim, poi se tivesse que fazer prova oral não teria aberto a boca. Tenho consciência de que só sabia ler e escrever inglês. Geografia fiz com o conhecimento que tinha da escola primária e mais algum conhecimento adquirido ao longo dos anos. Segundo consta, pois não vi, obtive as melhores notas do Liceu de Portimão, nesse ano. Então, mais uma vez se confirmou que a minha professora da escola primária tinha toda a razão quando dizia que eu tinha que ir estudar. Mas, em casa dos meus tios, pôs-se uma regra: ou a professora arranjava forma que eu fosse estudar gratuitamente, de preferência num internamento, ou não havia nada para ninguém. E não houve nada para ninguém. Como o Fernando Luís só lecionava à noite, fui protelando a matemática. Assim, só voltei a estudar em 1992, na Escola Gil Eanes, em Lagos, em horário pós laboral. Foi assim a minha escolaridade, pois que voltei para a Luz.

PJP: *E quando é que volta para a Luz?*

MLODJJ: Volto em 1978, concretamente a 17/02

PJP: *Então onde é que estava em 74?*

MLODJJ: Em 74 estava em Monchique.

PJP: *Quando se dá o 25 de Abril, lembra-se de essa notícia chegar a Monchique?*

MLODJJ: Lembro-me. Ainda hoje sou capaz de reviver o 25 de Abril em Monchique, o único sítio onde conheci a Revolução.

PJP: Sim? Por favor.

MLODJJ: Na manhã de 25/04/1974 fui ao centro de saúde de Monchique apanhar ou levar uma injeção e pelo percurso notei um ambiente estranho na rua. As ruas estavam praticamente desertas, o que não era normal àquela hora do dia e levando em conta que atravesssei as artérias principais da Vila. Mesmo as poucas pessoas com quem me cruzei pareciam que tinham cara de enterro.

No centro de saúde a menina Helena, como era carinhosamente tratada por todos, a enfermeira-parteira do concelho, sempre alegre e expansiva, estava estranha, muito

calada. Parecia que quanto menos falar melhor. Mas todos temos os nossos dias, não dei importância e fiz o caminho de volta para casa.

No Largo dos Chorões, havia uma lojinha que vendia motorizadas e eletrodomésticos A. Guia da Palma e com quem tinha estabelecido uma relação de amizade, quase família com o Sr. Palma, fui-lhe desejar “Bom dia”, como habitualmente. Na verdade, houve tantas pessoas em Monchique que eram como família e ficaram para sempre no meu coração.

Quando ele me diz:

“– Então, já soube o que aconteceu?

– Eu não. Então, aconteceu alguma coisa?”

– Então, desta vez não fui eu o último a saber! Um golpe de Estado!

– Um golpe de Estado?!

– O Governo caiu.”

Eu não entendi metade! Como é que cai um governo? Eu, que vivia a leste da política do país, é verdade, eu vivia a leste da política do país, a leste da política da Europa, eu acho que não me preocupava com notícias nem com jornais. Para mim, era música, ler e a vida corria como sempre a conheci. Vivi no melhor de dois mundos (aversão ao governo e tudo o que ele representava em casa e Deus, Pátria e família na escola). sem entender a contradição que comecei a perceber na escola, mas que nunca pedi explicação...

Eu não percebi o que aquelas palavras significavam, mas saí dali preocupada. Aquelas palavras soaram-me a qualquer coisa má. Então, toca a caminho de casa – o meu sogro descrevia isto da melhor forma possível: dizia que eu tinha chegado a casa, com uma cara, que parecia que tinha visto o Diabo! Perguntou que se passava comigo, eu disse:

“– O Sr. Palma disse que o Governo caiu.”

Entrei em casa, agarrei o meu filho e chorei, eu tinha medo. Havia qualquer coisa que me inspirava medo. A partir daí eu acho que, que tudo mudou. Depois foi uma canseira, porque ninguém sabia nada de nada, o rádio não tocava, o meu marido estava fora, porque tinha saído de manhã para o trabalho. Ninguém sabia o que é que se estava a passar. Eu não me importava de o rádio não transmitir música, o que me preocupava era o silêncio sobre o que se estava a passar. Eu estava desejando que o meu marido chegasse a casa. Mas o meu marido quando chegou a casa, também pouco ou nada mais sabia.

Pelo que me apercebi a notícia chegou a Monchique, porque os militares do Quartel de Lagos, tinham tomado a estação de televisão na Fóia, durante a noite.

Depois, foi uma sequência de acontecimentos...

Em Monchique, houve uma grandessíssima mudança. As pessoas revoltavam- com tudo. O pânico instalou-se. Quem não fosse comunista era fascista e logo ficou instalado o caos. Sucessivos cercos à vila. O capitão Varela, que ainda foi Presidente da Câmara interino, era um revolucionário terrível. Os sinos da Igreja Matriz tocaram a rebate como sinal para juntar o povo e assim correrem com o padre José de Melo. Esse padre veio para Lagos, esteve na residência paroquial da Igreja de São Sebastião. Foi um período complexo. Mas dizer que eu senti muito isso, não. Eu só senti isso na pele quando os Vaz Pinto fugiram para o Brasil, pois eram os donos da empresa onde trabalhava o meu marido. Os trabalhadores ficaram sete meses sem salário, embora fossem todos os dias trabalhar. Alguns homens juntaram-se, um deles, o meu marido, e abriram a parte hoteleira para fazer dinheiro para distribuir por todos os trabalhadores. Nessa altura, houve muitas chatices em casa, porque o meu marido levava muito tempo nas Comissões de Trabalhadores e não sei que mais e acho que foi isso que lhe meteu também o bicho da política, levando em conta que nunca quis ser político, mas sentia-se um injustiçado numa guerra que não era dele... Sempre usou este termo em relação à guerra colonial. Apenas queria tornar a vida melhor. Esse foi sempre o pensamento dele. Ajudar o próximo.

PJP: *E envolveu-se ativamente nesse período?*

MLODJJ: Exatamente. Existem aquelas pessoas que fazem e aquelas que mandam os outros fazer. E ele e mais três sentiram-se na responsabilidade de cuidar dos outros.

PJP: *E essas movimentações eram em Portimão ou eram em Monchique?*

MLODJJ: Ativamente, em Portimão, no local de trabalho e também muitas viagens a Faro e a Lisboa. Na política, em Monchique, ele nunca se imiscuiu.

PJP: *Mas nessas comissões...*

MLODJJ: Essas comissões eram na empresa em que ele trabalhava. Eram na companhia que ele trabalhava e em prol dos benefícios dele e dos seus camaradas de trabalho. Não me pergunte qual era a empresa, que eu não me lembro o nome, mas era a detentora do empreendimento Prainha, em Alvor, propriedade dos irmãos Vaz Pinto. Penso que um deles, um deles, não, todos eles tinham a ver com a TAP e essas trapalhadas todas, que estavam diretamente relacionadas com o chamado Estado Novo

ou ditadura, como lhe queiram chamar, tal como os Champalimaud e aquela gente toda que fugiu de Portugal após a Revolução... Agora, se me perguntar se já tinha ouvido falar do Champalimaud? Sim, já, eu era amiga do Manuel Champalimaud desde 1978 e outros ricos... Para mim, era tudo gente de bem, embora tivesse noção que era gente de muito dinheiro, porque a herdade do Belo ou a avioneta da família vir-nos buscar para uma caçada lá na herdade era normalíssimo. Cinco mil contos de prenda de Natal que ele e os restantes irmãos receberam cada um e ele gastou em quadros era o máximo que eu já tinha ouvido. Mas, para mim, o Manuel Champalimaud era uma pessoa igual às outras.

Se me perguntar: “– Então, mas tu viste a GNR andar aí atrás do cão que tinha assustado o neto do Marcelo Caetano? Tu conheces o Marcelo Caetano?” Sim, conheci o Marcelo Caetano, mas, para mim, o Marcelo Caetano era o primeiro-ministro. Não percebi foi aquela palhaçada da GNR ter perseguido o cão durante três dias e noites até o vencerem pelo cansaço... O primeiro erro arquitetónico aconteceu na Luz logo nos anos 60 com a construção de uma fila de casas, mesmo sobre as rochas, mesmo sobranceiro à Prainha, cuja praia quiseram vedar aos habitantes da Aldeia, eram propriedade dos Ministros de Salazar. Por isso, posso dizer que estamos numa terra de famosos, penso que toda a gente já passou por aqui. Nestas passagens pela Luz, também foi visita Américo Tomaz, presidente da República e esposa. O nosso presidente Jorge Sampaio só não morreu ali na Ponta da Gaivota, porque não calhou! Foi um grande amigo...

PJP: *E nesse período em que ainda estão em Monchique e em que, no fundo, há toda essa movimentação até às primeiras eleições, lembra-se de ir votar pela primeira vez?*

MLODJJ: Lembro-me. Foi interessantíssimo, nunca tinha visto tanta gente junta. As eleições foram no Clube Recreativo de Monchique – não sei se era Clube Recreativo se Sociedade Recreativa de Monchique –, havia na rua uma multidão imensa para votar. Hoje, quando vejo a pouca afluência que há para exercer o direito de voto, lembro-me daquele dia e de muitas eleições seguintes, em que havia um montão de pessoas para votar. Eu já, conhecia o edifício, sito no primeiro andar. Na rua havia dois degrauzinhos e depois tínhamos de subir uma escadaria até lá em cima. Eu não sei como é que subi aqueles dois degraus da rua. Quando dei por mim, já estava na escada. Nunca percebi como subi os degraus. As pessoas empurravam-se, parece que toda a gente tinha medo de não votar, tinham medo de que o tempo acabasse.

PJP: *Queriam ser os primeiros...*

MLODJJ: Sim, só que nas primeiras Eleições Autárquicas, ganhou para a Câmara o José Manuel Nobre, que era neto de um latifundiário de quem o meu sogro tinha sido escravo

(risos) e as palavras do meu sogro foram: “– Estavam à espera de mudanças? É mais do mesmo!” Pronto. E continuamos naquela velha história, não sabíamos quem era o presidente da Junta, nem vimos qualquer mudança em Monchique durante muitos anos. Eu precisei de um papel da Junta de Freguesia e demorei meio-dia, pelo menos, para descobrir onde é que o presidente da Junta estava. Sem contar o tempo para saber quem era o presidente da Junta. Penso que naquela altura votámos mais em partidos do que em pessoas. Mas hoje não. Tenho consciência, pelo menos, por mim, que votamos em pessoas, não votamos em partidos, em especial nas eleições autárquicas e presidenciais.

PJP: *E lembra-se como é que era difundida a informação dos partidos?*

MLODJJ: Muitos panfletos, muitos comícios, muitas sessões de informação. Sempre montes de carros...

PJP: *Com os altifalantes?*

MLODJJ: Sim. Montes de cartazes por tudo quanto era parede e mais algum lugar...

PJP: *As paredes falavam...*

MLODJJ: Exatamente. Mesmo que aquilo não dissesse nada. Eu até pergunto: o que é isto em Monchique, se as pessoas, a maioria, não sabia ler? Se as pessoas aqui na Luz, a maioria não sabia ler? Eu vim trabalhar para a Junta em 20/12/1980 e não quero exagerar, mas mais de 80 por cento da população era analfabeta. Analfabeta no sentido de não saber ler nem escrever, porque eles sabiam mais... Eram mais inteligentes que muitos doutores de hoje. E eu até acho que esses foram os meus melhores professores. Avós e pais analfabetos criaram filhos doutores, hoje doutores criam analfabetos. Por isso, a palavra ouvida naquela altura era: “– Eu vou votar, porque fulano disse-me para votar neste partido. Eu vou votar nele porque ele é meu amigo, não sei quê...” – Mas, penso que atualmente isso já não funciona. Comigo não funciona. Acho que a gente, sobretudo, tem que perceber quem é capaz de defender os seus interesses e quem é na verdade capaz de gerir uma autarquia ou mesmo um país – eu digo-lhe sinceramente, aquele senhor que acabou de sair daqui, o Sr. Borba [*Manuel Domingos Borba*], foi o melhor presidente da Junta com quem trabalhei. Se eu hoje, se vocês me perguntassem, qual foi o melhor e qual foi o pior presidente que a Freguesia teve – só os fregueses podem fazer a avaliação concreta do trabalho executado – estamos a falar do melhor com quem trabalhei. Porquê? Porque eu trabalhei com todos os presidentes desde as eleições autárquicas de Dezembro de 1979. Quando voltei para cá em 1978, estava o primeiro presidente eleito “Hermano Marreiros Seromenho” no fim do mandato e já havia contactos para as eleições de 16/12/79. De resto, acabei trabalhando com todos. E eu

digo sinceramente: este senhor foi daquelas pessoas que eu votei nele com reticências, porquê? Porque eu não gostava dele. Não gostava dele como Cabo do Mar. Pensava que ele era uma pessoa complicada. A Junta de Freguesia, naquela altura, usava muita areia da praia, para pôr nos parques infantis, era preciso o Sr. Cabo do Mar dar autorização... Às vezes, estava maldisposto e nem sabia como é que havia de falar com ele... Contavam muitos atritos passados na praia entre pescadores e banhistas, mas o foco era sempre o Cabo de Mar. Mas, no segundo mandato, eu não tinha dúvida. Nem no terceiro, nem no quarto, nem em quantos ele lá fosse. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Por isso eu penso que a gente olha é para as pessoas, não olha para o partido. Eu digo sinceramente, às vezes dizem: “Ai, o P.S.D. ganhou as eleições em Lagos.” Não. O P.S.D. não ganhou as eleições em Lagos. O Zé Alberto Baptista é que perdeu as eleições. Não foi o Partido Socialista. “– Ah, na Luz há uma ditadura do Partido Socialista!” Não há uma ditadura Socialista, o P.S.D. não tem apresentado candidatos competentes. Já teve o candidato certo, já teve oportunidade, mas não fez a jogada certa... É a velha história não aproveitaram a oportunidade.... Meteram o jogador competente no jogo errado.

PJP: *A Luz, nessa altura, era sobretudo o quê?*

MLODJJ: Uma aldeia piscatória. Uma aldeia piscatória com uma ligeira agricultura de subsistência. Hoje penso que, naquela época, a Luz era o quintal dos ricos lacobrigenses.

Lembro-me dessa Luz com saudade e tenho fotografias... Não tenho muitas, mas tenho algumas fotografias antigas. Tenho uma, onde está um grupo de homens que conheci todos, um deles, por sinal, é o avô paterno do nosso presidente da Câmara na altura da Cercada, como não havia pescadores suficientes para fazer as tais campanhas como lhe chamavam... Juntavam-se agricultores aos pescadores. Então, nesta fotografia, por exemplo, estão três pescadores e dois agricultores.

PJP: *Isso é precioso. E no que é que consistia a cercada?*

MLODJJ: A Cercada seria uma pesca temporária, eu não sei explicar bem... Mas penso que consistia num cerco aos carapaus. Penso que havia redes próprias e os barcos eram maiores que os botes que se costumava ver aqui, creio que tinham o nome de canoas. Aqui, não havia grandes barcos. Não havia gasolinos, não havia traineiras, havia muitos pescadores, sim, que iam para Lagos para as traineiras.

Por vezes, as traineiras ancoravam aqui e era sempre divertido essa presença pouco habitual. Da mesma forma também havia senhoras que iam trabalhar para a fábrica do peixe. Iam a pé. Era interessantíssimo, porque nós aqui na Luz ouvíamos tudo o que era

apitos de fábricas e bombeiros. Mas ainda mais interessante para mim, miúda, era perceber que as pessoas sabiam qual era a fábrica que as estava a chamar.

PJP: *Portanto quando chegava o peixe, a fábrica apitava, e tal apito...*

MLODJJ: Exatamente. Quando a fábrica ia ter peixe a sirene da fábrica apitava, aquele silvo estridente, semelhante ao dos bombeiros... Hoje já se ouve pouco os bombeiros, apesar de haver tanto fogo... Mas talvez devido à construção em maciça dos dias de hoje também não seja tão audível. Mas tenho a impressão que os bombeiros atualmente já nem apitam ao meio-dia, como antigamente. Eu vivo perto, quero dizer, vivo perto sem viver... Mas, por vezes, oiço o sino da igreja de São Sebastião, mas os bombeiros só oiço quando há fogo. Mas eu achava engraçado as pessoas conhecerem o apito de cada fábrica. Por exemplo, aqui mesmo ao lado das portas a seguir à Junta de Freguesia, morava a tia Maria Laurência e dez minutos depois de aquele apito soar lá ia a tia Maria Laurência, numa correria para Lagos. Eu vivia ao fim da rua Direita. Quando ela passava, nunca sabia quando voltava, porque parece que trabalhavam consecutivamente enquanto havia peixe. Assim era a vida da Luz. Uma vida de muita pobreza para algumas pessoas.

Eu andei na escola com crianças que não tinham sapatos para vir à escola, outros que vinham descalços, outros não comiam. Eu conheci isso durante muitos, muitos anos. O insucesso escolar era uma coisa garantida. Era tudo miséria. E depois a maioria das famílias também muito numerosas. Parece que era uma coisa que miséria gerava miséria. O álcool e a violência doméstica eram uma constante diária, mas as mulheres tinham vergonha de assumir que eram saco de pancada. Os pescadores saíam da praia, entravam numa taberna que fica de frente para a igreja, onde está agora a parafarmácia, os desta zona, esta zona era onde moravam os dos pescadores da pesca artesanal. Vamos dizer que eu conhecia isto com uma certa discriminação: a Luz de Baixo e a Luz de cima, como quem diz, a Luz dos ricos e a Luz dos pobres... Alguns pescadores nem chegavam a ir a casa, vendiam o peixe na praia, gastavam na taberna e a família passava fome. Com a chegada de os primeiros estrangeiros, esta situação inverteu um pouco.

PJP: *Começa a mudar?*

MLODJJ: Evoluiu um bocado, para bom e para mau, não sei se esta evolução terá sido benéfica para todos. Houve muitas mulheres dos pescadores que começaram a fazer limpeza nas casas dos estrangeiros e até em casa de veraneantes que passavam por aqui férias. E tudo foi melhorando lentamente. Aqueles turistas que já passavam férias por aqui, também começaram a construir casa própria... É o caso da família da Santa Rita Magalhães, conheço o Santa Rita desde miúdo... A casa do Santa Rita, a família de Paço

de Arcos, a família Mimoso, o Teixeira, a viscondessa de Sanches Baena, aliás a família de Dom Luís, que tinha uma quinta famosa no Ferrel, ainda hoje de posse dos herdeiros... Na maioria, eram colonos em África, onde possuíam grandes riquezas. Construíram grandes casas, tinham montes de pessoas a trabalhar para eles e isso foi uma forma de certas pessoas saírem um pouco da miséria. Mas havia também as outras pessoas que preferiam morrer de fome ao canto da parede do que trabalhar especialmente em limpezas. Saí daqui em 17/06/1974 e a Luz já estava diferente do que conheci nos princípios de 1959.

PJP: *Então, e quando depois regressa à Luz é em que contexto e em que altura?*

MLODJJ: Eu regresso à Luz em 17/02/ 1978. No contexto em que o meu marido não gostava de Monchique. O meu marido adorava a Luz. Vimos casas em diversos lugares entre Monchique e Luz, sendo que ele trabalhava em Alvor. Nenhuma lhe agradou. Muitas vezes me disseram: enquanto não carregaste o Monchiqueiro para cá não descansaste, mas não fui eu que o trouxe, ele é que me trouxe...

PJP: *Foi o contrário.*

MLODJJ: Ele é que me levou para lá e ele é que me trouxe para cá. Ele, tal como eu, não queria para o nosso filho a mesma vida que estavam a ter os primos. Um dia fiquei boquiaberta a ouvir o meu filho, com três anos, a dizer aos primos, bem mais velhos do que ele: “– Quando nós chegamos a Portimão, vamos no comboio, para Lagos...” E o primo perguntou-lhe: “– O que é o comboio?” E o miúdo a explicar o que era um comboio – Eu não quero isto para o meu filho, não quero. Então, mas os miúdos já andam na escola primária, não sabem o que é um comboio?

O meu marido ainda queria muito estudar e daí meteu-se-lhe na ideia de que aqui tínhamos mais oportunidades e viemos para cá. E, então, comprámos uma casa cá, nesta mesma rua: esta é a nossa rua. É um andar no prédio em frente, mora lá a minha filha. Como pedimos um empréstimo ao banco, e para não pagarmos uma mensalidade muito elevada, só ele a trabalhar, ganhando na altura cento e... não, já era mais, 240 escudos por dia! Acho que esse foi o maior ordenado que ele ganhou na empresa, porque pouco tempo depois saiu de lá e começou a trabalhar por conta própria. Tinha ido para lá em 1972 ganhar 125\$00 por dia. Então, o contrato entre nós era: compramos a casa e depois de fazer a escritura, eu vou trabalhar. No fundo era uma tentativa de não ter muitos rendimentos declarados ao celebrar o contrato de empréstimo e assim baixar a taxa de juro. E assim foi. Fui trabalhar no primeiro trabalho que me apareceu. Fui trabalhar a

fazer limpeza, no “Luz Bay Club”. Os donos também tinham dado à sola após o 25 de Abril. Estava o Sr. João Moreira e a Dona Maria Lucinda a administrar o aldeamento.

Fui imensamente criticada por o ter feito porque eu tinha estudado tanto... Para ir fazer limpezas! – Especialmente por familiares. Essa tal tia, que não me pôs a estudar, foi a primeira. Até que uma vez disse-lhe, a ela, se ela tinha pago algum desses estudos. Trabalhei lá 14 meses, ganhava 8000\$00 mensais, mais gorjetas. Vesti aquela camisola, de corpo e alma. Penso que sempre esta foi a minha postura perante a vida. Vestir a camisola em tudo o que faço.

Tinha horas para entrar no trabalho, mas nunca tinha para sair. Entretanto, tive dois meses de férias. Só que, quando era para voltar, eu fui dizer à Dona Maria Lucinda que não voltava naquele mês, porque não fazia sentido, o meu marido ir entrar de férias e eu trabalhar. E ela: “– Olha filha, não garanto é que depois tenha logo lugar.” “– Não faz mal, chame-me quando precisar.” Entretanto, fiquei grávida. E quando ela me chamou, eu disse-lhe: “– Eu não vou, estou grávida e estou passando muito mal – (os primeiros três meses foram horríveis), às vezes custo a fazer meu serviço doméstico e a tratar do miúdo disse-lhe então: “– Se eu ficar melhor, logo vou...” E assim fiquei em casa a receber o subsídio de desemprego, que já recebia desde que fora mandada para casa, e este tempo em que estava a receber o subsídio de desemprego e sujeita aos respetivos controlos, talvez tenha sido o meu salto para a Junta de Freguesia, que era uma coisa que eu realmente não queria.

PJP: Não imaginava?

MLODJJ: Não. Eu não queria. Isto começou como brincadeira e acabou a sério. Já havia um concurso aberto e uma pessoa que estava inscrita no concurso, mas a mim trabalhar entre quatro paredes e com papéis, não era o meu sonho. Comecei a ajudar o presidente em pequenas coisas, em pequenas tarefas, unicamente como ajuda.

Por exemplo, eu ia ao controlo do Centro de Emprego. Como o controlo era na Junta de Freguesia – nós, desempregados, atempadamente recebíamos a convocatória, para o respetivo controlo – eu saía de casa, passava ao café onde o presidente da Junta era um dos sócios (na altura diziam que a sede da Junta de Freguesia era no café!) ... Porque, já no anterior mandato, o agora presidente, fora tesoureiro e era ali que as pessoas o procuravam... Eu ia ali, pegava a chave, abria a porta, era feito o controlo, eu fechava a porta e ia levar as chaves ao presidente. Naquele meio tempo, eu limpava o espaço, arrumava os papéis e fazia algo que estivesse para fazer e aquilo foi-se assim desenvolvendo, mas nunca pensei em trabalhar para na Junta. Até já estava um concurso

aberto, quando isto começou e mediante a pergunta se eu trabalhava lá ou queria ir trabalhar para lá, eu sempre disse: “– Não! Eu? Não! Então a Luz já tem tantos donos, acham que eu quero ser dona de alguma coisa?” (isto foi uma risota!) Então, eu só ouvia falar da dona da Padaria, da dona dos Correios, do dono da Praia, do dono do Centro de Saúde... Não! Eu queria ser dona da Junta? Eu não quero ser dona de nada, disse eu! No meio disto tudo, havia um candidato que se inscreveu para aquele concurso, um concurso que não sei por alma de quem nunca mais avançava, e eu ali estava dando apoio à Junta. Fizeram-me contrato, quando o Zé Manel foi trabalhar para Lagos, pois deixou o café e foi trabalhar para uma carpintaria e não quis deixar a população sem apoio, em especial os que vinham de longe, na maior parte das vezes a pé. Falou comigo, se eu me importava de ir lá todos os dias à tarde, das 14h00 as 17h30, pois eram as horas que ele também costumava lá estar. E assim foi desde dezembro até março. Pagavam-me três mil e quinhentos escudos.

PJP: *Dezembro de 79?*

MLODJJ: Dezembro de 80 até março de 81.

PJP: *E depois então, entrou?*

MLODJJ: Neste meio tempo, fui muito pressionada a candidatar-me ao lugar, coisa que eu não queria: “– Eu? Não quero ser dona de nada!” Era a minha resposta. E para mais, eu também sabia de outra história. A pessoa que estava inscrita no referido concurso e garantia a toda a gente que ia trabalhar para a Junta de Freguesia era prima do presidente na altura. Como se diz que vivemos num mundo de cunhas, fazia todo o sentido e disseram-me muitas vezes que estava a perder o meu tempo. Não dei ouvidos a esses comentários, o lugar não me interessava. Aquele não era o meu sonho de trabalho, um trabalho fechado em casa... Não. Não era, não era, não era, não era! Tanto que eu digo que tive problemas no casamento por causa disso, eu passava os dias fechada em casa e ele passava os dias na rua. Ao fim-de-semana, a gente não se entendia. Um queria ficar em casa e o outro queria ir para a rua. E então, em março, passamos a ter um médico.

PJP: *Tinha que ficar mesmo alguém...*

MLODJJ: Sim, alguém com disponibilidade para ficar a tempo inteiro. Passamos a ter médico diariamente, olhe...

PJP: *Foi a primeira vez que houve médico a tempo inteiro, regular.*

MLODJJ: Sim, foi. Não havia lá médico havia muitos anos.

Tinha havido médico antes, mas não todos os dias e para todos. Quando eu era miúda, o médico vinha à Luz uma vez por semana. As instalações, eram naquela casa velha, cheia de graffitis, em frente à Igreja, ia lá um médico dar consultas. O Dr. Paz Pereira é o médico de que eu me lembro.

PJP: *Uma vez por semana...*

MLODJJ: E havia também a Margarida que se intitulava de enfermeira e a quem chamavam a “dona da Casa dos Pescadores”, que ao fim e ao cabo depois acabou indo para o Centro de Saúde de Lagos como administrativa. Essa senhora, durante muito tempo, também achou que eu lhe tinha tirado o lugar. Ora, eu estava na Junta, logo nada tinha a ver com o serviço de saúde e agora as consultas eram para toda a população, não era só para pescadores e familiares. E assim a Segurança Social é que a retirou de lá, pois pensaram que não havia necessidade de uma pessoa estar ali a fazer serviço administrativo, quando havia um funcionário na Junta. Aquelas confusões que as pessoas arranjam, sem saber a verdade começam-se a ver mal. Penso que nas terras pequenas tudo isto é muito complicado. As relações no trabalho, familiares ou a nível de vizinhança são afetadas, quer queiramos ou não. Assim, comecei a trabalhar na Junta, como escriturária datilógrafa. O concurso para terceiro oficial finalmente decidiu-se, eu tinha acabado por formalizar a minha candidatura ao concurso e não havia mais volta a dar, pois tinha mais habilitações que a outra pessoa inscrita. Mas, digo-lhe sinceramente, só fiquei porque tinha hipótese de ter a minha filha comigo. Porque não havia infantário, não tinha com quem deixar a minha filha e o meu filho com sete anos andava na escola e os horários coincidiam. Mas só fiquei porque me permitiram que eu tivesse a minha filha comigo, só assim lá fiquei.

PJP: *E ficou 30 anos...*

MLODJJ: Não. Fiquei 38. Eu digo que fui para lá a brincar e fiquei lá 38 anos.

PJP: *E o seu marido continuou envolvido politicamente...*

MLODJJ: O meu marido envolveu -se politicamente. Quando chegámos à Luz, estavam a fazer reuniões para as eleições autárquicas 1979/1982 convidado por amigos, mais propriamente o Hermano Marreiros Seromenho, presidente em fim de mandato e o José Manuel Rodrigues, cabeça de lista à Assembleia de Freguesia e o Fernando Malveiro Duarte Silva, todos já falecidos... Era o grupo dos carolas cá da terra, juntos com outros das outras aldeias da Freguesia, queriam fazer o melhor para benefício de todos. Ele começou a fazer parte dessas reuniões e acabou fazendo parte da lista, assim como eu, também fiz parte da mesma lista. Por isso, já fui mulher de autarca, autarca, funcionária

desta Freguesia. Acabou fazendo parte da lista e foi nessa altura que acabou entrando na militância do Partido Socialista. Foi militante, fomos militantes durante alguns anos.

PJP: *E o que é que os guiava, qual era o sentimento, o ânimo que vos guiava nessa altura?*

MLODJJ: O ânimo que nos guiava na altura era unicamente fazer alguma coisa em prol da Freguesia, em prol das pessoas. Nunca houve, porque não havia, ao contrário daquilo que hoje se fala e não acredito, quando oiço isso ainda, seja qual for a cor política... mas infelizmente, já testemunhei isso. Não havia o “tacho”. Havia um grupo de pessoas disponíveis para fazer. Que tinham que fazer, ou nada era feito. Mas que, no fundo, eram criticadas porque o que havia sido feito não estava à vontade. Mas as pessoas estavam cá, a título gratuito. Os membros da Junta não eram remunerados, os membros da Assembleia não eram remunerados. As Assembleias de Freguesia, Assembleias Municipais duravam horas, não eram como agora, que à meia-noite encerram a reunião. Não. O meu marido, um dia, já estava o filho a caminho do autocarro para ir para a escola e ele ainda não tinha chegado a casa, cruzaram-se os dois aqui na rua. O miúdo a descer, para a paragem do autocarro e ele a subir a rua de carro. E não havia telefones, não havia coisa nenhuma, um pânico! Ninguém tinha qualquer remuneração ou ajudas de custo. Nada.

PJP: *Era só pela satisfação...*

MLODJJ: Era o prazer de fazer alguma coisa pelas pessoas e as pessoas depois, era aquela coisa... “Eu confio em si.” Eu sei que senti-me um bocadinho – apesar de ser jovem – um bocadinho mãe de muita gente aqui da Freguesia, com 80 anos ou mais. Porque as pessoas não sabiam ler, escrever ou não sabiam resolver algum assunto e vinham pedir –me ajuda. O povo de Espiche é um povo que eu tenho um grande carinho. Senti-me muito acarinhada por ele. Especialmente, os que já cá não estão.

Lembro-me, muitas vezes, de uma senhora que tinha o filho preso, mas que não queria que os vizinhos soubessem. Ela vinha ter comigo, para eu ler as cartas e escrever. Foi uma experiência muito bonita... Fiz um grande amigo nos primeiros dias de trabalho. Acho que as únicas pessoas remuneradas eram os funcionários, que éramos só três. Um senhor que tinha enviuvado recentemente e vinha desabafar a solidão da vida dele. Acabamos confidentes um do outro. Era e é o avô que nunca tive. Sempre pensei que não tinha família, pois só fazia referência a um neto. Quando faleceu aos 94 anos de idade, foi terrível para mim. Depois comecei a descobrir que ele tinha filhos e vários netos.

Mas se ninguém recebia nada, todos davam... Mesmo nas eleições, toda a gente estava disponível. Eram sempre os mesmos que estavam nas mesas de voto. Ninguém questionava isso. Porque, se disséssemos:

“– Vais para as Mesas de Voto?

– Eu? Não tinha mais que fazer senão ir lá passar o dia todo! Então não é ele que vai?”

Quando passou a ser pago...

PJP: *Todos queriam ir?*

MLODJJ: Agora é assim. Estão lá sempre os mesmos. E estão, rodopia. Estão lá sempre a inscrever as mesmas pessoas. Mas antes não, ninguém queria ir. Arranjavam atestados, comprovativos médicos, não sei quê. Eram sempre os mesmos e já sabíamos que só podíamos contar com aquelas pessoas, não adiantava contactar.

PJP: *E quais foram, nessa altura, a principais necessidades que sentiam, que era preciso fazer e mudar alguma coisa?*

MLODJJ: Muitas. Muitas. Por exemplo, nós não tínhamos uma Escola Primária decente. O meu filho veio para esta escola, onde eu já tinha andado. A escola estava a cair e isso foi o princípio do erro do meu filho ter vindo para a escola tão novo, pois veio para a escola um ano antes do que devia ter vindo. Tínhamos cá uma professora, que já fazia parte da mobília, vamos dizer assim. Apesar de ela nunca ter sido minha professora, mas que era uma grande amiga. Foi até posto com o nome dela a uma rua. A Dona Ema Vieira Albernaz, que lhe dizia sempre: “– Para o ano vais para a escola.” Mas a senhora reformou-se e os amigos do Luís vieram todos para a escola, mas o Luís não tinha idade para vir para a escola, porque só fazia anos em fevereiro. E, então, no espalhafato que houve para aí, que a escola estava velha e estava a cair, eu tive este desabafo: “A escola está a cair, de velha, mas a escola já estava velha quando eu lá andava há mais de 20 anos!” E naquele dia, vim aqui ver como a escola estava. Quando estava a entrar para a escola, já abria a porta da frente, tínhamos de vir aqui por trás e só havia aulas nesta sala. Porque naquela altura até veio aí muitas mães de meninos, que acordaram todos naquele dia. Que eu até achei graça, porque alguns até andaram nesta escola, como eu. A escola, já quando cá andávamos, não tinha aquecimento. Não tinha água. Tínhamos que ir buscar água lá em baixo, à fonte. Tínhamos de ser nós a limpar a sala. A casa de banho era lá em baixo, ao fundo. Assim, meninos, meninas, professores, aquelas tábuas só com aqueles buracos, não havia nada de nada. E de repente, toda a gente tinha acordado, que a escola estava assim. E eu, Maria vai com as outras, enfiei-me. No meio daquele alarido

todo, a professora deve ter reparado em mim, que nunca me tinha visto cá. E eu disse: “– Peço desculpa, há por aí tanto alarido que a escola está velha, eu só queria ver qual a degradação que tinha desde que eu cá andei”. A professora olhou para o miúdo e perguntou:

“– Olha lá, tu não és aquele menino que costuma estar ali numa varanda a chorar?”

E ele, muito despachado:

“– Sou!”

– Então e choras porquê?”

– Porque a minha mãe não me deixa vir para a escola!”

A professora viu o miúdo, enorme, porque ele altura tinha, e disse-me: “– Então, mas não deixa vir o miúdo para a escola porquê?” E eu disse-lhe: “– Não deixo porque ele não tem idade.” E ela: “– Ah, deixe lá o miúdo vir para a escola!” E assim foi. E então a escola foi funcionar para uma garagem. É esse contexto que nós temos de levar em conta. A Luz não tinha uma rede de transportes, quer dizer, transportes já tinha, mais ou menos, comunicação com a cidade. Não havia um mercado, uma farmácia, não havia um banco, não havia uma escola em condições. Não havia nada de nada. As ruas não tinham nome. Houve um trabalho muito... quer dizer, a gente tem que olhar que o trabalho de um presidente de Junta de Freguesia é um trabalho de continuidade. Por exemplo, eu sei que por exemplo, o Hermano, o Zé Manel, o meu marido, semearam muitos frutos para os outros irem colhendo. Não é “– Ai, aquele fez, o outro não fez.” Não. Cada um fez um caminho, com mais ou menos dificuldades. Eu tenho ainda uma entrevista que o meu marido deu ao *Jornal Barlavento*, creio que é de 1983, em que ele fica quase de costas voltadas com a Câmara Municipal, porque ele disse que a Luz precisava de uma estrada, porque tínhamos uma estrada suicida. Por isso, imagine, este arranjo que fizeram à estrada agora, há quantos anos é que ele estava...

PJP: *É que era reivindicada...*

MLODJJ: A escola, a escola nova, abriu em outubro de 1980. Só depois de aquela escola ter aberto é que veio a aparecer um infantário. E talvez uma das primeiras coisas foi o mercado, que até nem foi muito bem recebido. Porque as pessoas faziam os vendedores pararem à porta, como era hábito, etc. Mas, hoje em dia, se nós olharmos para a Luz, não foi só as casas que mexeram.

PJP: *Serviços, vários outros serviços, que não existiam, e que trouxeram comodidades?*

MLODJJ: Sim, porque chamaram louco na altura que o presidente da Junta disse que a Junta de Freguesia precisa de posto da GNR e tem lá instalações. “– Oh, está maluco!” Passados anos, toda a gente dizia: “– Não temos polícia! Não temos isto, não temos aquilo! O Posto da Guarda Fiscal está mau!” E eu penso assim: esta gente anda a dormir há anos. Olhe, eu acho que, não quero dizer que estamos bem, mas estamos muito melhor que aquilo que estávamos. Acho que um dia em que eu me for embora, deixo uma sociedade melhor àqueles que cá ficam e tenho quase que assim um bocadinho de orgulho em dizer que colaborei um bocadinho... Não tanto como possivelmente podia ter colaborado, mas foi bom!

PJP: *Senhora Maria Luísa muito obrigada pelo seu testemunho.*

MLODJJ: Estarei sempre à vossa disposição, para aquilo que precisarem, até para falar da história da nossa terra.

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Maria Luísa de Oliveira Duarte Jesus João*. 2023-09-28. 19 p. Acessível, com a ref.^a PT/ML/AML/C/3/35/000019 em <https://abrir.link/yVHVq>.